



Landeshauptstadt
München

Direktorium

Koordinierungsstelle
für gleichgeschlechtliche
Lebensweisen

Entre vários Mundos

Reflexão sobre a situação de Migrantes GLBT em Munique

Impressum

Herausgeberin
Landeshauptstadt München
Direktorium
Hauptabteilung II
Koordinierungsstelle
für gleichgeschlechtliche Lebensweisen
Angertorstraße 7 (Eingang Müllerstraße)
80469 München

Text
Andreas Unterforsthuber
Telefon: (0 89) 23 00 09 42
E-Mail: a.unterforsthuber@muenchen.de
Internet: www.muenchen.de/koordinierungsstelle

Übersetzung
Mónica Martins

Foto
Presse- und Informationsamt
Michael Nagy

Gestaltung
Stadtkanzlei, Satz und Grafik
Ingrid Fidelak

Druck
Stadtkanzlei
1. Auflage 2007

Conteúdo:

0. Nota à tradução

1. Introdução

2. Direitos humanos: A situação respeitante à homo, bi e transsexualidade

3. Pressão psicológica sobre gays e lésbicas migrantes

4. Problemas sociais de gay e lésbicas migrantes

5. Situação nas comunidades gay e lésbica

6. Juventude, violência, estigma

7. Problemas legais

8. Migrantes transgénero

9. Perspectivas futuras

0. Nota à tradução

Este panfleto foi traduzido a partir do original alemão “Zwischen allen Welten”. Optou-se por traduzir expressões como “schwuler Migranten und lesbischer Migrantinnen” como “migrantes GLBT”, mais abrangente, económica e inclusiva de ambos géneros. Usou-se “gay e lésbica” como tradução de “Schwulen und Lesben” porque são os termos actualmente usados na maior parte dos círculos activistas e políticos de língua portuguesa.

1. Introdução

A 23 de Novembro de 2006, o município (Stadtrat) de Munique delineou os fundamentos da política de integração para esta cidade. Nas directivas do conceito de integração ficou consolidado que todas as medidas de integração têm também que ser efectivas na aceitação do cidadão homossexual como tal.

O Centro de Coordenação para o Cidadão Homossexual (Koordinierungstelle für Gleichgeschlechtliche Lebensweisen) apresenta algumas reflexões sobre a situação específica de migrantes GLBT. O foco deste trabalho centra-se nos problemas potenciais destas comunidades. Isto não deve distrair do facto que – como com todos os migrantes – os migrantes GLBT possuem naturalmente muitas competências e recursos que são uma mais valia social e cultural para toda a cidade.

A relação entre a população homossexual e não homossexual, de origem alemã ou não, é um claro indicador de como a integração e a tolerância mútua estão desenvolvidas na população.

Em ambas comunidades, a alemã e migrante, existem, ainda hoje, ressentimentos claros e acentuados contra identidades sexuais diferentes da norma. Embora estes ressentimentos, em sectores da comunidade alemã, tenham sido suavizados pelo desenvolvimento da sociedade ao longo dos últimos 15 anos, são significativamente mais visíveis em sectores da comunidade migrante.

A situação de migrantes GLBT é suplementar a todas as dificuldades inerentes à condição de migrante, marcada por diversos problemas que serão expostos seguidamente. Se, e com que impacto, indivíduos particulares são atingidos por todos estes problemas, depende de muitos factores (Situação económica, de residência, recursos ou apoio familiares e sociais etc).

2. Direitos Humanos: A situação respeitante a Homo, Bi e Transsexualidade

O governo federal tem sido fortemente solicitado em relação à situação dos direitos humanos da pessoa homo, bi e transsexual.

Relações sexuais consentâneas entre adultos do mesmo sexo são proibidas em cerca de 82 países (dos 192 existentes mundialmente) e punidos por lei. As penas vão desde multas, passando por penas de prisão (até 25 anos em Trinidad, por exemplo), castigos corporais (ex. pauladas, chicotadas) até à pena de morte (Parlamento Alemão, publicação 16/2800 de 14 de Dezembro de 2006).

„A 19 de Julho de 2005, no Irão, dois menores foram condenados a chicoteamento público por uma relação homossexual consentânea entre os dois.“ (wikipedia, et al.)

„Igualmente nos EUA, ocorrem ataques a minorias sexuais. Um relatório da secção estadunidense da Amnistia Internacional (Setembro de 2005), denuncia que ataques policiais contra pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais ou transgéneros são bastante generalizados.“ (Amnistia Internacional, „Journal“ Maio 2006)

„Fecharam-me num quarto e todos os dias vinha um homem que me violava. Quando engravidei obrigaram-me a casar com ele“. Este relatório de uma jovem do Zimbabwe mostra como a sua família a tentou „curar“ do seu lesbianismo. Não se trata de um caso isolado. Mulheres que se revelam lésbicas são frequentemente forçadas pelas suas famílias a casar e a ter relações sexuais com homens (Amnistia Internacional, „Journal“ Julho/Agosto 2001).

Além destes problemas radicais, de direito penal, existem em ainda mais países vários exemplos de discriminação jurídica, que só são publicamente considerados violação dos direitos humanos em contextos limitados. Actualmente tem-se assistido, por ex. durante as discussões sobre introdução de legislação anti-discriminação ou alargamento das uniões de facto a indivíduos do mesmo sexo, que também em países da Europa ocidental existe uma resistência enorme, por motivos políticos ou religiosos, contra o tratamento igualitário de lésbicas, gays, bi e transsexuais.

No tratamento da situação dos direitos humanos não se deve cair na tentação de considerar que tais problemas só dizem respeito a determinados países em Africa ou do Médio Oriente. Atitudes condenáveis e discriminantes para com gays, lésbicas e transgéneros ocorrem também em democracias de cunho ocidental. Exposto isto, migrantes provenientes destes países estão sujeitos a problemas muito específicos.

3. Pressão psicológica sobre gays e lésbicas migrantes

Os migrantes GLBT encontram-se frequentemente sob pressão psíquica: Muitas vezes, como acima descrito, o *status quo* político, cultural ou religioso dos países de origem julga a homossexualidade como condenável ou é-lhe mesmo hostil. A homossexualidade chega a ser depreciada ao ponto de ser ameaçada com a pena de morte. Estas atitudes desvalorizantes e depreciadoras podem ser internalizadas pelo sujeito (homofobia internalizada) que tem de enfrentar uma situação de vida ameaçadora, tanto interna como externamente, caso deseje viver a sua identidade gay ou lésbica.

Em muitos países de origem não existe possibilidade de viver a homossexualidade de forma aberta. Instituições ou organizações públicas para gays e lésbicas são impensáveis. A homossexualidade tem de ser vivida clandestinamente, muitas vezes reduzida a encontros secretos, sociais ou sexuais. O confronto com o modo de vida alemão, relativamente liberal, e o conseqüente aparecimento ou aumento de alusões ao tema, podem agudizar este conflito.

Frequentemente, na sequência deste conflito interno, não é possível uma "saída do armário" (Coming Out) ou esta é muito difícil. A construção de uma identidade lésbica ou gay digna exige um enorme dispêndio de energia. Se este processo falha e não se resolvem os conflitos internos de modo satisfatório, podem surgir problemas psicológicos.

4. Problemas Sociais de Gay e Lésbicas Migrantes

Gays e lésbicas migrantes correm risco de exclusão ou mesmo de violência física por revelarem a sua homossexualidade na sua comunidade de referência. Isto põe em perigo todas as estruturas de apoio, familiares, sociais e culturais, entre outras.

Uma assistente social de uma instituição para jovens com pais turcos relatou a história de um jovem de 17 anos cuja homossexualidade era conhecida. Devido às suas tendências suicidas, chamou a atenção. Após um longo trabalho de aconselhamento, o jovem confidenciou à educadora que tinha muito receio de ser excluído do seu grupo, se viessem a saber da sua homossexualidade.

Precisamente em grupos de jovens de, por exemplo, origem turca, é habitual haver muito contacto físico, sem que isso tenha significado sexual. Este contacto é importante para o desenvolvimento pessoal dos jovens e para a construção de uma identidade no seio da cultura turca, e não deve ser confundido com tendências homossexuais. Uma revelação da sua homossexualidade poderia excluir este jovem do seu grupo de amigos ou mesmo sujeitá-lo a ataques. O acesso ao espaço social em que ele se move (vizinhança, escola, família, amigos) poderia ficar assim seriamente comprometido.

Gays e lésbicas migrantes atravessam constantemente as fronteiras entre várias realidades sociais. Têm de manter simultaneamente a ligação à sua cultura de origem, à sua realidade actual e ainda integrar a sua identidade homossexual na sua vida social, para que essas mesmas fronteiras não se fechem. Quem consegue levar a cabo este trabalho de integração, domina os recursos que permitem traduzir, moderar e compreender entre e dentro de todas estas realidades

5. Situação nas comunidades Gay e Lésbica

Não deve ser ignorado que, à semelhança do que se passa no resto da população, existem atitudes de resistência a estrangeiros nalguns sectores das comunidade gay e lésbica. Efectivamente, o confronto com a própria diferença leva frequentemente a uma atitude aberta e esclarecida. Contudo, isto não é garantia de que medos profundamente enraizados do que não se conhece não influencie a conduta das pessoas para com os migrantes.

Além disso, o repúdio, publicitado, que alguns grupos migrantes têm da homossexualidade, passa uma sensação de ameaça à liberdade conquistada e de falta de respeito para com as identidades GLBT. Esta “zona de conflito intercultural” tem efeitos quer nas (não) relações entre comunidades GLBT e comunidades migrantes assim como na situação particular dos migrantes envolvidos.

Migrantes gays e lésbicas são assim excluídos de várias maneiras.

Caso a sua sexualidade não seja aceite ou discutida na sua família de referência, podem aparecer sentimentos ou situações de exclusão, de isolamento ou solidão.

Na sociedade *mainstream* alemã estão-lhes subjacentes, devido à sua sexualidade diferente da norma, as discriminações inerentes assim como os respectivos mecanismos que existem geralmente contra migrantes (xenofobia).

Migrantes lésbicas são ainda prejudicadas por todas os mecanismos existentes na sociedade alemã que funcionam contra as mulheres em geral.

Por outro lado, nas comunidades GLBT nem sempre há compreensão para com os problemas dos migrantes. Tentativas de assimilar valores culturais originais com valores alemães leva frequentemente a que gays e lésbicas migrantes desenvolvam uma maneira muito própria de lidar com a sua homossexualidade. Infelizmente isso nem sempre é considerado uma conquista, mas é muitas vezes encarado com condescendência ou como um atraso.

Estes problemas serão sempre amplificados sempre que não houver um trabalho empenhado com normas, valores e história de outras culturas. Ou seja, sem este trabalho, migrantes gays e lésbicas continuarão a ser estranhos dentro da comunidade gay e lésbica.

Infelizmente a oferta para estas comunidades em Munique é muito deficitária.

De momento existem círculos gays e lésbicos de língua francesa e castelhana (Sub e.V.), um grupo para gregas e gregos (Ermis), um encontro regular (“stammtisch”) para lésbicas originárias da ex-Jugoslávia (JugoLesbenStammtisch), um grupo para lésbicas de *background* migrante (LeTra) assim como um grupo para gays, lésbicas e bissexuais judeus (Yachad). O Centro de Aconselhamento Sub (Sub-beratungstelle) desenvolve neste momento o primeiro projecto dirigido especificamente á questão da migração, criando um grupo de cozinha intercultural (“Leckerbissen”) para contactos, comunicação e integração social.

6. Juventude, violência, estigma

Jovens com e sem *background* migrante, durante o desenvolvimento da sua identidade, são particularmente expostos a vários problemas, cuja resolução muitas vezes os transcende e os coloca sob grande *stress* psíquico. Isto é particularmente válido quando as condições de vida sociais e económicas lhes são desfavoráveis e/ou se vivem sem apoio no centro do conflito entre valores e normas originais e alemães.

Como resultado, uma eventual disposição para a violência pode dirigir-se também a gays e lésbicas. Assim, frequentam por exemplo, lugares de encontro de gays para os ameaçar ou mesmo os submeter a violência física. Lésbicas, que o sejam de modo visível, ouvem frequentemente sugestões como “Ainda não topaste com o gajo certo”, que são depreciativas para o seu modo de vida.

Gays destacam-se como vítimas, pois a sua identidade sexual pode ser encarada como um ataque pessoal a jovens cuja identidade de género ainda está num estágio muito incipiente e inseguro. A desvalorização e a humilhação física de gays é um método substituto de afugentar medos e inseguranças relacionadas com a própria identidade no que diz respeito a papéis de género. (ver também: “Informationsstelle Wissenschaft & Frieden Heft Nr. 11”).

Pode acontecer que, principalmente jovens em situação social e económica precária, relativizem a ameaça subjectiva à sua autoestima através da depreciação de outros sectores da população. Gays e lésbicas são bodes expiatórios preferenciais, porque existe a crença, entre praticantes de violência anti-homossexual, de que gays e lésbicas não se defendem e que não denunciam à Polícia com medo de expor a sua homossexualidade.

A participação de jovens estrangeiros na violência contra homossexuais merece muita atenção por parte dos *media* e é muito mencionada. Isto leva, junto do público, a que estes sejam suspeitos de serem o grupo perpetrador principal, sem que em casos concretos o sejam necessariamente. Esta suspeita – independente de ser correcta ou não – é um peso adicional para gays e lésbicas migrantes pois as reservas contra migrantes que existam na comunidade gay e lésbica acabam por os atingir também.

7. Problemas Legais

Como exemplos típicos de situações legais que ocorrem frequentemente, vão-se descrever duas áreas problemáticas:

Homossexuais que requeiram asilo são sobrecarregados com dificuldades adicionais. Se dão a homossexualidade como fundamento do requerimento de estatuto de refugiado, e este é indeferido, têm de voltar ao seu país de origem, onde são ameaçados por penas pesadas. Disto resulta que a revelação da própria sexualidade a instituições estatais é complicada, uma vez que há razões para temer represálias exercidas pelas autoridades do país de origem.

Isto pode levar a que os interessados tentem alegar outras razões para o seu estatuto de refugiado, que eventualmente sejam insuficientes para o conseguir. O verdadeiro motivo para asilo é então ocultado. Caso que também merece alguma consideração, é que a residência num campo de refugiados se pode tornar insustentável se a homossexualidade do refugiado for conhecida.

Isto leva a dissimulações e tabus com que a situação do afectado ainda piora mais.

Na lei alemã de união de facto, os parceiro/as não alemães em relações do mesmo sexo com alemães são de momento prejudicados, uma vez que a união de facto, em oposição ao casamento, não pode ser celebrada por representações alemãs no estrangeiro. É necessário requerer antes um visto, para celebrar uma união de facto, que fica registado no passaporte. Isto conduz, em muitos países, a riscos imprevisíveis.

A requisição – menos arriscada – de um visto de visita, segundo a experiência da Koordinierungstelle, esbarra constantemente com o problema que o visto seja negado, alegadamente devido a condições de vida precárias no país de origem.

„Peter J. (Nome mudado), empregado numa empresa de Munique, dirigiu-se à Koordinierungstelle com o seguinte problema:

Por razões profissionais, viaja a um país onde homossexualidade é punida gravemente. Lá, conheceu um natural e vivem desde anos um amor clandestino. Assim que a relação atingiu alguma estabilidade, surgiu o desejo de viverem juntos na Alemanha. Mas para entrar na Alemanha, o seu parceiro precisa de um visto. O único visto adequado seria „Visto de entrada para celebração de uma união de facto “ ao qual teria direito, mas que se não o obtivesse, essa informação seria adicionada ao passaporte do seu namorado, para quem poderia ter consequências imprevisíveis. Um visto de visita seria negado pela representação estrangeira alemã baseada no argumento que o regresso dele ao seu país de origem seria duvidoso.

A relação entre os dois homens está assim bloqueada, pois uma mudança de posto de trabalho acabaria com a residência deste alemão no estrangeiro. (exemplo real da Koordinierungsstelle)“.

Precisamente para migrantes provenientes de países com condições de vida precárias - caso a união de facto seja celebrada na Alemanha – há uma dependência significativa do parceiro alemão, já que o direito de residência está acoplado à existência da mesma união de facto. Em caso de separação geram-se muitas vezes situações complicadas para o atingido, já que um regresso ao país de origem pode implicar represálias, caso a sua união de facto com uma pessoa do mesmo género lá se tornar conhecida.

8. Migrantes transgénero

Estima-se que transgéneros migrantes seja um grupo relativamente pequeno, mas que merece uma atenção especial. Além dos problemas descritos anteriormente, migrantes transgénero são afectados frequentemente por ainda maiores situações de exclusão e ostracismo, além de contarem com ainda menos mecanismos de apoio.

Deve-se ter em conta, sempre que possível, as necessidades específicas à pessoa transgénero ao planear medidas antidiscriminação.

„Em muitos países da América Latina, sobretudo Venezuela, Equador e Guatemala, transexuais são humilhados, presos arbitrariamente, ou mesmo torturados pela Polícia. Morrem inclusivamente na prisão em circunstâncias misteriosas. Os seus direitos civis são ignorados. Maus tratos não são investigados, ou são inclusivamente perpetrados pela Polícia. No Equador, onde a Igualdade de todos os indivíduos perante a lei, independentemente da orientação sexual, está explicitamente consagrada na Constituição, os direitos dos transexuais são ignorados.”

(Amnistia Internacional, Journal, Maio de 2006)

9. Perspectivas futuras

É desejável que as condições de vida de gays e lésbicas migrantes melhorem e que uma atitude valorisadora e aceitante se desenvolva reciprocamente entre a população migrantes e a comunidade GLBT.

Para isso há medidas e propostas, realizáveis e necessárias a vários níveis, como por exemplo:

- Assistência, que tenha em conta as necessidades específicas dos grupos envolvidos, para os migrantes afectados.
- Organização de encontros e esclarecimentos entre as comunidades GLBT e migrante.
- Informação e formação sobre temas como Homossexualidade e Comunicação Intercultural respectivamente nas instituições das comunidades migrante e GLBT.
- Campanhas de prevenção de violência e desenvolvimento da tolerância dirigidas a jovens .

A Koordinierungsstelle für Gleichgeschlechtliche Lebensweisen vai dedicar a este tema um esforço especial, conjuntamente com o LeTra (Lesbenberatungstelle, Centro de Aconselhamento a Lésbicas) e Sub (Schwulemännerberatungstelle, Centro de Aconselhamento a Gays).

Agradecimentos

Agradecemos o apoio e sugestões de Diana Horn, Sascha Hübner, Sebastian Kempf, A. Koziol e Murat Ürün, e a tradução de Mónica Martins.